

O SER E O TEMPO DA PESQUISA SOCIOCULTURAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dr. JOCIMAR DAOLIO

Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura
E-mail: jocimar@fef.unicamp.br

RESUMO

Este ensaio discute a especificidade da produção científica da subárea sociocultural da educação física, bem como algumas de suas conseqüências em relação à avaliação. A partir da consideração da tradição da área, o texto argumenta que a produção de conhecimento científico na educação física, quando parte de referenciais próprios das humanidades, apresenta características diferentes da produção típica da subárea que considera as ciências naturais e exatas, devendo, portanto, serem consideradas quando de sua avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Produção científica; avaliação; pesquisa.

[...] o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro.

Assis, *Esaú e Jacó*, 1997, p. 46-47

A produção acadêmica da área de educação física, em que pese o longo caminho ainda a percorrer, vem crescendo nos últimos anos de maneira sólida e gradual, o que é reflexo da melhoria dos cursos de graduação, criação de novos cursos de pós-graduação, maiores exigências da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), formação de novos e mais qualificados mestres e doutores, o que acaba por alimentar o próprio sistema de pós-graduação como um todo (KOKUBUN, 2003). A área de educação física deixou de ser apenas uma área de prática pedagógica ou de aplicação de conceitos provindos de outras áreas acadêmicas para tornar-se área de produção de conhecimento científico. O número de titulados como mestres e doutores e o equivalente número de dissertações e teses, o número de revistas científicas da área, o número de artigos de autores nacionais publicados em periódicos dão alguns indícios de desenvolvimento desse empreendimento, que não possui mais que trinta anos¹, mas que foi incrementado na última década.

Entretanto, se a avaliação geral da área de educação física é positiva e permite criar importantes interlocuções com outras áreas acadêmicas, no interior dela é visível a instalação de um desconforto, que se tem agravado nos últimos anos. Esse desconforto pode ser notado no interior dos programas de pós-graduação da área de educação física, no embate entre pesquisadores que atuam na subárea cultural e aqueles da subárea biodinâmica². Nos encontros de pesquisadores da área, nos debates e fóruns³, tem sido freqüente a reclamação dos primeiros em relação às

¹ O primeiro curso de pós-graduação em educação física no país surgiu em 1977 na Universidade de São Paulo (USP).

² Embora não haja uma padronização de nomes de áreas de concentração integrantes dos vários programas de pós-graduação em educação física, estabeleço aqui, para fins de argumentação, duas grandes subáreas, sociocultural e biodinâmica, a primeira partindo de aportes teóricos das ciências humanas e sociais e a segunda, das ciências naturais e exatas.

³ O principal acontecimento nesse sentido foi a instituição pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) do Fórum Nacional Permanente de Pós-Graduação em Educação Física, em agosto de 2006, realizando seu primeiro encontro na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas.

formas de avaliação efetivadas pela representação da área junto à Capes e ao seu comitê científico, que estariam priorizando critérios mais favoráveis às pesquisas que lançam mão de referenciais das ciências naturais e exatas. A consequência mais drástica desse processo tem sido o descredenciamento de alguns docentes dos programas de pós-graduação, por baixa produtividade conforme os critérios mínimos exigidos em função da classificação do respectivo programa.

O desconforto instaurado na área pode ser constatado também pela manifestação pública de alguns pesquisadores da área. Circularam na área a carta do prof. João Freire (FREIRE, 2006), um texto de minha autoria em apoio ao referido professor (DAOLIO, 2006) e uma manifestação do prof. Mauro Betti, por meio de mensagem eletrônica e listas de discussões na internet. O primeiro foi descredenciado, no início do ano de 2006, do programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), porém, posteriormente, teve sua situação revertida e foi mantido como docente do referido programa. O prof. Mauro Betti, ao final de 2006, manifestou publicamente descontentamento pelo fato de ter sido impedido pela Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp) de Rio Claro de abrir novas vagas para alunos ingressantes.

Em 2004, juntamente com outros colegas, manifestei algumas opiniões em relação à avaliação realizada pela Capes da produção acadêmica da pós-graduação em educação física, questionando alguns aspectos do processo e destacando algumas especificidades referentes à subárea pedagógica e sociocultural (BETTI et al., 2004). Nesse texto, um contraponto ao artigo de 2003 de Eduardo Kokubun, representante da área junto à Capes, já havia alguns questionamentos dos dados apresentados pelo autor, além da defesa de alguns critérios afetos à área sociocultural da educação física.

Não pretendo discutir neste texto os critérios adotados pela área de educação física na Capes e exigidos dos programas de pós-graduação. Essa discussão de ordem classificatória – o valor de capítulos e livros em relação aos artigos, número de artigos exigidos em periódicos indexados, a validade de patentes, o valor de cada periódico, a comparação da produção com outras áreas do conhecimento etc. –, por vezes necessária, em minha opinião tem servido para despolitizar o debate, acirrando os ânimos e não contribuindo para os acordos e reconhecimentos imprescindíveis que a tradição da área de educação física exige.

O fato que agrava o que estamos chamando de desconforto no interior da área é a falta de consideração em relação à grande diversidade de pesquisas e de métodos de pesquisa no seu interior. Como é sabido, as pesquisas em educação

física partem de referenciais teóricos provindos de várias e diferentes concepções científicas, tanto em relação ao método utilizado para a aproximação do fenômeno investigado como em relação à própria construção do objeto de pesquisa. Uma rápida consulta junto aos programas de pós-graduação em educação física, especificamente os nomes de suas áreas de concentração e linhas de pesquisa, permite comprovar a diversidade de teorias, abordagens e referenciais, indo da sociologia do esporte à bioquímica do exercício, da biomecânica à pedagogia do esporte, da filosofia às teorias do treinamento esportivo⁴. Para a Capes, a educação física, juntamente com a fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia, compõe a subárea 21, que é integrante da grande área de saúde, reunindo a medicina, odontologia, enfermagem, farmácia e saúde coletiva.

Ora, se o fazer ciência é diferente no interior da educação física e se não quisermos submeter, subjugar ou fazer sucumbir uma vertente em relação à outra, temos de, parafraseando Clifford Geertz quando propõe uma etnografia do pensamento acadêmico, aceitar que existem diferenças profundas, compreender quais são essas diferenças e, por fim, construir algum tipo de vocabulário a partir do qual elas possam ser publicamente formuladas, a partir do qual os representantes de todas as áreas e subáreas possam explicar uns aos outros, de uma maneira verossímil, o que são e o que fazem. Segundo o autor, a partir de uma etnografia do pensamento, a diversidade de pensamentos acadêmicos seria tratada com a devida seriedade, em vez de ser exaltada e exacerbada (GEERTZ, 1997).

Nos debates que têm ocorrido com alguma freqüência sobre essa questão, há quem defenda a divisão da área de educação física em duas, uma voltada às ciências naturais e exatas e outra às ciências humanas e sociais, alocadas em grandes áreas diferentes junto à Capes; outros entendem que a divisão da educação física em duas culminaria em perda de força junto à Capes de uma área que já é pequena e frágil em relação às demais.

Entendo que quatro princípios deveriam nortear todas as ações da pós-graduação em educação física. (1^o) A área precisa realizar pesquisas; (2^o) a área precisa realizar pesquisas com qualidade; (3^o) a área precisa divulgar as pesquisas realiza-

⁴ O próprio nome dos programas varia consideravelmente, indo do tradicional "educação física" (Unicamp, USP, Universidade Gama Filho – UGF, Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, Universidade Estadual de Londrina/Universidade Estadual de Maringá – UEL/JEM, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade de Brasília – UNB) até "ciências do movimento humano" (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Udesc), "ciências da motricidade" (Unesp), "ciência da motricidade humana" (Universidade Católica de Brasília – UCB) ou "ciências da atividade física" (Universidade Salgado de Oliveira – Universo).

das; e, por fim, (4^o) a área precisa ser avaliada por essa produção. Se esses quatro pontos servirem como princípios de ação de toda a área, independentemente da linha ou matriz teórica assumida por cada pesquisador, já teremos estabelecido algum consenso, necessário não somente para o avanço desse texto, mas para o arejamento das tensas discussões na área.

Apesar de esses quatro pontos parecerem óbvios e indissociáveis a qualquer área acadêmica, nem sempre foram seguidos ou respeitados. A área de educação física nem sempre realizou pesquisas, pautando-se sempre por aplicações pedagógicas sem produzir conhecimentos. A área de educação física nem sempre se pautou por pesquisas de qualidade, talvez mais freqüentes em áreas tradicionais e ainda incipientes em áreas emergentes. A área de educação física não tinha – ou ainda não tem – o hábito de divulgar sua produção científica. Ora, a veiculação de pesquisas em educação física e em qualquer outra área não é somente necessária, mas urgente em um país carente e socialmente desigual como o Brasil. A área de educação física, como qualquer outra, precisa ser avaliada, uma vez que é beneficiária de consideráveis recursos públicos para o financiamento de bolsas de estudo, equipamentos de laboratório, viagens e estágios.

O fato que me parece urgente antes mesmo de uma ação da área junto à Capes é a compreensão por parte de toda a comunidade a respeito da especificidade de cada uma das subáreas – sociocultural e biodinâmica – em relação ao seu fazer pesquisa, à construção de seu objeto, à utilização de métodos e procedimentos de investigação e à conseqüente veiculação do conhecimento. Não tenho competência para discutir a subárea biodinâmica, empreendimento que tem sido feito por outros colegas, mas pretendo levantar algumas características em relação à subárea sociocultural.

Parece-me importante nessa discussão não perder de vista a tradição acadêmica e profissional da área de educação física, pautada sempre na busca de conhecimentos oriundos de várias ciências e várias matrizes teóricas. Se, por um lado, as especificidades de abordagem de pesquisa em educação física proliferaram-se nas últimas décadas, parece claro que a sua compreensão como fenômeno histórico inserido na sociedade não pode prescindir de abordagens a partir das ciências humanas e sociais.

Se por curiosidade ou exercício retórico pudéssemos supor como seria a área de educação física sem a subárea que se apóia nas ciências humanas e sociais, teríamos uma série de partes desconexas que não se ligariam em nada, da mesma forma que os tentáculos de um polvo não existiriam sem o núcleo que lhes comanda e lhes dá sentido de existência. Teríamos o estudo e a análise de vetores de força, de movimentos mecânicos do corpo, de reações bioquímicas no organismo,

de conseqüências fisiológicas e assim por diante, mas não teríamos o corpo de conhecimentos que reúne todos esses estudos numa área tradicionalmente conhecida como educação física.

Mas o polvo também não existiria sem os seus tentáculos se esses lhes fossem retirados. Portanto, como tentei mostrar nessa metáfora, por certo insuficiente, é que a área acadêmica de educação física foi criada a partir de estudos oriundos das várias ciências e somente considerando essa multiplicidade de contribuições – sua verdadeira tradição – poderá sobreviver. Para estudar e pesquisar isso que estamos chamando de tradição da área de educação física – suas características, fatores e conseqüências históricas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, psicológicas e políticas – são necessários conhecimentos e abordagens das ciências humanas e sociais.

Jurandir Freire Costa, autor que tem discutido atualmente as profundas transformações da sociedade contemporânea e suas influências na formação das identidades individuais, atribui grande ênfase à questão da tradição e da autoridade para explicar esse processo. Para ele, “[...] autoridade e tradição são face e verso da vida ética” (COSTA, 2004, p. 168-169). Afirmando que “autoridade é sabedoria fundada na história” (idem, p. 169), argumenta que não é possível a autoridade no que ainda não aconteceu ou não resistiu à prova do tempo.

Segundo o autor, antigamente a moral dos sentimentos pressupunha a tradição e a autoridade de pessoas, coisas, valores. Ainda que certas ou erradas, boas ou más, essa tradição e essa autoridade conferiam aos indivíduos determinados modelos de vida, projetos de continuidade do mundo e desejos de futuro. A autoridade era fruto da tradição, construída lentamente pelos seres humanos. Mesmo quando refutada, era-o a partir de sua consideração, ainda que essa refutação pudesse causar guerras e conflitos entre grupos e nações. Porém, na lógica midiática do mundo contemporâneo, tudo é fugaz e está em constante transformação. A realidade é efêmera, o que anula a autoridade tradicional de fatos e pessoas, que passam a ser consideradas sempre autoritárias. A mídia transforma a autoridade em celebridade. Afirmar Costa que “a celebridade é a autoridade do provisório” (idem, *ibidem*).

A partir dessas observações, pode-se argumentar que a ciência contemporânea, assim como a mídia, pode incorrer no equívoco de negar a tradição em busca de um apressado futuro e de um fulgurante progresso, considerando irrelevante ou descartável o que se passou. Seria assumir, em vez da moral dos sentimentos, a moral do espetáculo, que considera a autoridade celebridade, processo efêmero que não considera a tradição (idem).

Fazendo um paralelo dessa discussão de Jurandir Freire Costa com a discussão objeto deste ensaio, é possível afirmar que negar a tradição de uma área acadê-

mica como a educação física implicaria assumir que o longo caminho percorrido por ela não serviu para a construção da autoridade que essa área possui hoje, o que me parece um grave equívoco. Estaríamos todos imersos na moral do espetáculo de que nos fala Costa (2004). De fato, na lógica da produção acadêmica ou produção intelectual da educação física – como se acostumou a chamar tanto o objetivo como a conseqüência do trabalho dos pesquisadores da área –, é possível presenciar pesquisadores com uma grande quantidade de “produtos”, quantidade essa que, por si só, não lhe dá autoridade na tradição da área. Os pesquisadores mais produtivos segundo os critérios da Capes – os chamados “*top* de linha” – são, em muitos casos, absolutamente desconhecidos da comunidade da área. Em contrapartida, não se deveria descartar pesquisadores que contribuíram para constituir o campo acadêmico da educação física no Brasil, muito antes da existência do processo avaliativo da Capes e de seu temido Qualis, palavra que ganhou contornos de autoridade nos últimos anos.

Mais uma vez devo ressaltar que não estou negando a legitimidade da Capes em avaliar a produção intelectual da área de educação física. Como afirmei, é uma obrigação de um órgão governamental que injeta recursos públicos em pesquisa. Porém, há que se considerar a especificidade dos vários saberes e fazeres científicos presentes na área de educação física, sob risco de tomarmos o critério avaliativo como finalidade de todo e qualquer pesquisador que quiser participar de programas de pós-graduação. Ora, qualquer pesquisador minimamente politizado e dotado de algum compromisso político deveria saber que não faz pesquisa ou publica seus resultados de pesquisa para atender aos critérios da Capes. Ele deveria pesquisar e publicar suas pesquisas para socializar seu conhecimento e contribuir com a área de educação física.

Em encontros de pesquisadores, em eventos acadêmicos da área ou no cotidiano dos programas de pós-graduação, é possível presenciar atualmente discussões a respeito do número de publicações de cada um em periódicos internacionais, como se publicar num periódico internacional A ou B bastasse para a consagração do pesquisador. A discussão a respeito da aplicação do conhecimento difundido – o seu verdadeiro impacto – é secundarizada ou sequer mencionada. Jurandir Freire Costa diria que essa atitude reflete a busca pela condição de celebridade, autoridade apenas provisória, mas sem tradição.

Para considerar a supressão da tradição e da autoridade na chamada moral do espetáculo (COSTA, 2004), torna-se necessária a compreensão da superabundância factual presente no que Marc Augé (1994) chamou de “supermodernidade”. Embora para esse autor o conceito de supermodernidade não supere nem substitua a modernidade, para compreender as profundas mudanças da atualidade é pre-

ciso considerar algumas figuras de excesso ou de acentuação da própria modernidade, como o tempo, o espaço e o ego.

Neste ensaio, o que nos interessa mais diretamente é a transformação do conceito de tempo e de sua conseqüente sensação de aceleração desenfreada. Marc Augé (1994, p. 29-30) afirma que “[...] a história se acelera. Apenas temos o tempo de envelhecer um pouco e nosso passado já vira história [...] Estamos com a história em nossos calcanhares”. De fato, o rápido progresso científico ocorrido no século XX e a multiplicação das formas e veículos de comunicação nas últimas décadas geraram uma sensação de que o tempo caminha cada vez mais depressa e que temos de fazer muitas coisas num curto período de tempo e estar em todos os lugares ao mesmo tempo. É o que Marc Augé chamou de figuras do excesso presentes na atualidade, uma superabundância de fatos e de informação que levam à necessidade de compreensão da própria condição humana diante dessa nova realidade.

Para a defesa da tradição de uma área acadêmica – finalidade desse ensaio –, o que é relevante mostrar é que a aceleração do tempo de que nos fala Augé não pode ser considerada um processo irreversível que acabe por negar ou fazer sucumbir algumas formas de pensar e de fazer pesquisa em educação física. Se o progresso científico é desejável e a rápida veiculação desse processo também, há que se reconhecer que a velocidade de produção como critério pode não contemplar todas as formas de fazer pesquisa, tanto na educação física como em outras áreas do conhecimento.

A principal característica da pesquisa nas humanidades é justamente a lentidão inerente à construção de seu objeto de pesquisa e a conseqüente lentidão de seus procedimentos metodológicos. Diferentemente das ciências naturais, os objetos a serem investigados pelas humanidades não são dados de natureza em si, mas dependem da relação dinâmica com o pesquisador. Por exemplo, os atores sociais de uma instituição escolhida para ser pesquisada podem recusar-se a fornecer informações, ou mascará-las, ou, ainda, boicotar a pesquisa, gerando a necessidade de escolha de outra instituição ou o atraso no tempo previsto para o trabalho de campo. Uma etnografia profunda ou uma pesquisa-ação de um dado grupo pode levar meses para ser realizada, além do fato de que o tempo previsto para sua realização não pode ser previamente definido. O tempo de inserção do pesquisador no grupo a ser estudado pode prolongar-se antes mesmo do início da pesquisa propriamente dita. As fontes documentais de uma pesquisa histórica podem não estar em condições de investigação e atrasar o processo.

Dessa forma, a consideração da lentidão das pesquisas em ciências humanas e sociais, em vez de ser vista como um defeito a ser corrigido ou uma falha do

pesquisador, deveria ser considerada uma resistência em relação ao que Marc Augé chamou de “aceleração do tempo”. Alguns conhecimentos, sobretudo nas humanidades, precisam de mais tempo para serem produzidos, veiculados e assimilados pela comunidade acadêmica.

Além da lentidão inerente às pesquisas nas ciências humanas e sociais, os procedimentos metodológicos são, por definição, mais interpretativos e subjetivos, o que não quer dizer menos rigorosos. Não há recusa em lidar com a objetividade – como muitas vezes se afirma erroneamente –, mas essa categoria é diferente das ciências naturais, dependendo de uma consideração da intersubjetividade. Em outros termos, o objeto de estudo das humanidades possui o mesmo estatuto humano do pesquisador, sendo, de alguma forma, considerado também como sujeito. Em contrapartida, o sujeito do estudo pode desdobrar-se ilimitadamente em novos objetos. Conforme afirma Lévi-Strauss (2003, p. 27): “Toda sociedade diferente da nossa é objeto, todo grupo de nossa própria sociedade, diferente daquele ao qual pertencemos, é objeto, todo costume desse mesmo grupo, ao qual não aderimos, é objeto”.

Ora, qualquer interpretação profunda, que leve em conta a intersubjetividade inerente à relação pesquisador-pesquisado, demanda mais tempo, porque a distinção e o distanciamento necessários para a pesquisa não implica a dissociação entre essas duas instâncias. Além disso, essa interpretação não pode recorrer a mecanismos tecnológicos de mensuração. Nas ciências humanas, o pesquisador constitui-se no seu próprio instrumento de observação e interpretação (LAPLANTINE, 1988).

Outra característica da produção acadêmica das ciências humanas é a singularidade do autor. Se em pesquisas em ciências biológicas e exatas os procedimentos são normalmente desenvolvidos por um grupo de pesquisadores e o mérito acadêmico de uma produção é creditado ao grupo como um todo, nas humanidades nem sempre isso acontece. Claro que há produções coletivas nas ciências humanas e sociais, mas o desenvolvimento do trabalho, justamente por ser mais interpretativo, leva a procedimentos mais solitários.

Pelas próprias características da produção acadêmica nas ciências humanas e sociais, o livro e o capítulo são veículos mais freqüentes do que nas ciências biológicas e exatas. Ora, o livro constitui-se na culminância de um conjunto de reflexões de um autor, exigindo reflexão mais longa e, em vários casos, configurando a consolidação da produção de um intelectual. De fato, uma obra paradigmática, que leve a revisões de conceitos preexistentes e estimule novas reflexões, exige tempo e lentidão. Essa característica precisa ser considerada nos procedimentos avaliativos, sob risco de um intelectual importante para uma determinada área ser penalizado por não ser capaz de produzir um livro a cada ano.

Além disso, a própria tradução de um manuscrito para outra língua é dificultada pelo caráter ensaístico de muitos textos das humanidades, fato que gera problemas adicionais para um trabalho ser publicado em periódicos internacionais.

Se todos os pesquisadores da educação física entenderem que a área é composta por essas duas grandes subáreas – biodinâmica e sociocultural –, as características e os procedimentos inerentes a cada uma delas deverão ser respeitados, sob pena de a produção a ser computada nos processos avaliativos refletir apenas uma parte da área. Portanto, algumas características da subárea sociocultural da educação física devem ser consideradas, tais como a lentidão nos procedimentos de pesquisa, a característica interpretativa, a consideração da intersubjetividade, a singularidade do autor, a veiculação em livros e capítulos.

Se a universidade parece ter-se tornado empresa, mais preocupada em produtividade do que na formação de seres humanos, de capital humano, não é de se estranhar que se fale tanto em produtividade acadêmica e na velocidade de sua veiculação, e que a idéia de quantidade se tenha colado à discussão do mérito acadêmico. Ora, em última instância quem atribui mérito é a comunidade acadêmica e o conjunto de profissionais de uma determinada área e não as agências de fomento, que apenas classificam a produção. Não podemos reduzir a discussão do mérito acadêmico a um *ranking* de periódicos e à quantidade mínima de artigos a serem publicados por cada pesquisador num dado período.

Espera-se que as idéias veiculadas neste texto possam contribuir com as discussões sobre a avaliação da produção acadêmica na educação física brasileira, apondo para uma democracia acadêmica, em vez de uma demografia acadêmica.

The being and the time of sociocultural research in Physical Education

ABSTRACT: This essay discusses the specificity of the scientific production on the social and cultural subarea of physical education, as well as some of its consequences regarding evaluation. Beginning with considerations on the tradition of the area, the text maintains that the production of scientific knowledge in physical education, when using references of humanities, presents characteristics that differ from the typical production of the subarea that considers the natural and exact sciences, and this should, therefore, be considered when they are evaluated.

KEY WORDS: Scientific production; evaluation; research.

(continua)

El ser y el tiempo de la investigación sociocultural en educación física

RESUMEN: Este ensayo discute la especificidad de la producción científica de la subárea sociocultural de la educación física, así como algunas de sus consecuencias en respecto a la evaluación. Desde la consideración de la tradición del área, el texto argumenta que la producción de conocimiento científico en la educación física, cuando parte de referencias propios de las humanidades, presenta características distintas de la producción típica de la subárea que considera las ciencias naturales y exactas, debiendo, por lo tanto, ser consideradas cuando de su evaluación.

PALABRAS CLAVES: Producción científica; evaluación; investigación.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Globo, 1997 [primeira edição 1904].

AUGÉ, M. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BETTI, M.; CARVALHO, Y. M. de; DAOLIO, J.; PIRES, G. de L. A avaliação da educação física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília: Capes, v. 1, n. 2, p. 183-194, nov. 2004.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DAOLIO, J. Sobre crenças e descredenciamentos. *Centro Esportivo Virtual*, Biblioteca, Artigos, 2006. Disponível em: <<http://www.cev.org.br>>. Acesso em: 4 jan. 2007.

FREIRE, J. B. Descredenciamento. *Centro Esportivo Virtual*, Biblioteca, Artigos, 2006. Disponível em: <<http://www.cev.org.br>>. Acesso em: 4 jan. 2007.

GEERTZ, C. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

KOKUBUN, E. Pós-graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 9-26, jan. 2003.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.

Recebido: 31 jan. 2007
Aprovado: 15 maio 2007

Endereço para correspondência
Jocimar Daolio
Faculdade de Educação Física – Unicamp
Av. Érico Veríssimo, 701
Caixa Postal: 6134
Campinas-SP
CEP 13083-851